

JORNAL DO BRASIL FHC Cardoso diz que continua social-democrata

* 7 JUN 1995
■ **Presidente afirma que oposição está presa ao passado**

RICARDO MIRANDA

BRASÍLIA — “Eu continuo sendo um social-democrata”, garantiu ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso, na véspera da primeira votação, na Câmara dos Deputados, da emenda constitucional que quebra do monopólio estatal do petróleo. O presidente atacou os que o chamam de neoliberal e o acusam de renegar seus ideais de sociólogo de esquerda. “O que aqui (no Brasil) se usa na luta política, chamar de neoliberal esse ou aque-

□ **Com a ajuda técnica do ministro das Comunicações, Sérgio Motta, e da assessora de Imprensa, Ana Tavares, o presidente Fernando Henrique Cardoso estreou ontem o acesso, através do computador instalado em seu gabinete, à rede mundial de computadores Internet, que já tem 35 milhões de assinantes em todo o mundo. O presidente pode, desde ontem, ter acesso permanente ao JB Online, a edição eletrônica do JORNAL DO BRASIL, disponível a todos os usuários da rede Internet.**

le, não corresponde à realidade”, afirmou o presidente, falando ontem de seu gabinete para o programa argentino *Tiempo Nuevo*, da Telefe, canal 11, de Buenos Aires. Sorridente, falando em espanhol, o presidente garantiu que tem maioria de 350 a 360 votos no Congresso para aprovar a reforma da Constituição e disse que os partidos de oposição “estão voltados para o passado”.

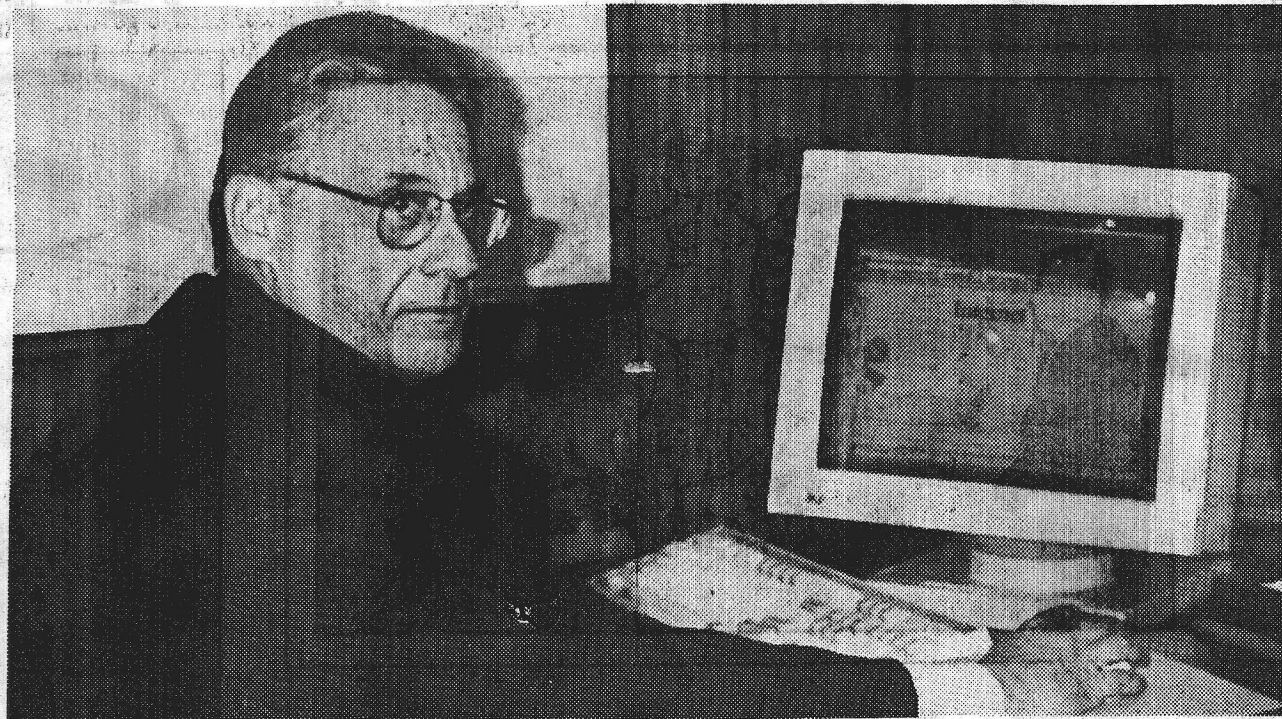
Numa referência às greves, Fernando Henrique disse que os sindicalistas brasileiros deveriam lutar para aumentar a participação dos trabalhadores nas empresas e “principalmente para tornar mais

barato o custo do telefone, da gasolina, da eletricidade, dos portos”.

“Não podemos dar as costas para o que se passa no mundo porque senão não estaremos servindo ao país, ao interesse nacional, e menos ainda ao interesse do povo”, afirmou o presidente. “Devo dizer com toda a franqueza que o Congresso não me tem filhado. O Congresso está apoiando (as reformas). Salvo dois ou três partidos, notadamente os partidos que perderam as eleições (presidenciais)”, apontou o presidente, citando o PT de Luiz Inácio Lula da Silva e o PDT de Leonel Brizola, e “alguns pequenos partidos que ainda têm o nome de Partido Comunista do Brasil”.

O presidente fez a defesa das privatizações e defendeu um Estado menor e mais eficiente. “O interesse nacional e o interesse popular continuam sendo fundamentais, mas há que se perguntar no mundo de hoje a que corresponde servir ao interesse nacional e ao interesse popular”, disse. “É errado pensar que ainda temos que manter uma economia autárquica e com um rígido controle do Estado sobre todos os investidores, que só o investimento estatal produz bem-estar. Já adotamos esse modelo, que foi útil em seu tempo, mas agora temos que fazer investimentos de todo o tipo, inclusive privados, estrangeiros e nacionais”, encerrou.

Brasília — Arnildo Schulz



PRINCIPAIS PONTOS DA ENTREVISTA

Apoio às reformas — “Aqui nós temos mais apoio da opinião pública e dos partidos [comparando com a Argentina e o Chile]. No Congresso estamos ganhando as votações com 350 a 360 votos contra 100, 200. E parte do movimento de trabalhadores também apoia as transformações. No começo me senti muito só, principalmente quando fui ministro da Fazenda, e tive que me confrontar com forças políticas que não queriam saber nem de privatização, nem da disciplina monetária e fiscal. Agora, depois das eleições, com tantos votos como eu tive, creio que tenho muito mais possibilidade de atrair apoio — e os estou atraindo”.

Negociação — “Eu sempre falei com muita franqueza tudo o que pensava sobre os salários, a seguridade social, a questão da Ordem Econômica, a reforma do Estado, a privatização. A grande vantagem que temos aqui, como na Argentina, é que com a democracia há a possibilidade de explicar e de convencer o povo. Se só se pensa em ganhar, em fazer artimanhas para enganar o povo, isso não funciona. É uma nova forma de fazer política, muito mais direta porque corresponde aos desafios de nosso país”.

Privatizações — “No próximo mês vamos privatizar uma distribuidora de energia elétrica, a Escelsa, outra chamada Light and Power, do Rio de Janeiro, que está nas mãos do governo. Em todo o setor, o valor do patrimônio estatal brasileiro ultrapassa os US\$ 50 bilhões. Não é que vamos vender tudo isso. Em muitos casos sim, em outros casos temos iniciado *joint ventures*, ou seja, parcerias com o setor privado. E seguimos também por via da lei de concessões a recuperação e construção de várias usinas, que não são muito grandes, mas que têm um valor de cerca de US\$ 300 milhões. Está também na lista de privatizações a Vale do Rio Doce. Mas ainda não se sabe qual o modelo a adotar. No que diz respeito à telefonia, dependemos da aprovação pelo Congresso para

que se abra um campo e para que nos próximos quatro anos sejam investidos US\$ 30 bilhões em telecomunicações”.

Papel do Estado — “Isso não significa que o Estado não tenha um papel a cumprir. Tem. Às vezes com investimentos diretos, mas mais frequentemente, daqui para frente, fazendo um controle do sistema de concessões, das grandes linhas de transmissão energética, que deverão permanecer em mãos do setor público. O interesse nacional e o interesse popular continuam sendo fundamentais, mas há que se perguntar no mundo de hoje a que corresponde servir ao interesse nacional e ao interesse popular. É errado pensar que ainda temos que manter uma economia autárquica e com um rígido controle do Estado sobre todos os investidores. Isso já não pode mais. Já adotamos esse modelo, que foi útil em seu tempo, mas agora temos que fazer investimentos de todo o tipo, inclusive privados, estrangeiros e nacionais. Mas o interesse nacional continua mais privado e popular do que nunca”.

Virtudes do líder — “Ele (o presidente reeleito da Argentina, Carlos Menem) foi capaz de, em situações difíceis, dizer o que era necessário, e fazê-lo. Isso é o que cabe aos líderes do nosso continente neste momento. É preciso ter duas virtudes para se manter a posição de liderança. Uma é a coragem. A outra virtude é a convicção. É preciso se estar convencido do que se vai fazer e ter a coragem para levar adiante”.

Segurança — “Não tenho nenhuma preocupação quanto à minha vida. Creio que aí há um exagero em toda essa matéria de segurança. No que diz respeito à segurança, eles [os manifestantes] sim, porque houve algumas manifestações de grupos políticos organizados, que me atiraram pedras. Eles estão naturalmente preocupados com isso. Mas são assuntos secundários, que não mudaram em nada minha segurança”.